

Intervenção Comunitária com Grupo de Adolescentes: Relato de Experiência do Projeto EBA

Karla Rafaela Haack¹

Roberta Salvador Silva

Faculdades Integradas de Taquara, Brasil

Laíssa Eschiletti Prati

Faculdades Integradas de Taquara, Brasil

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

Mariana Gonçalves Boeckel

Centro de Serviços em Psicologia, Taquara, Brasil

Faculdades Integradas de Taquara, Brasil

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

Resumo

O presente relato apresenta a experiência de estágio do Centro de Serviços em Psicologia (CESEP), do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Taquara (Faccat). A inserção de duas estagiárias em uma escola da periferia da cidade ocorreu na perspectiva da Psicologia Social Comunitária. Realizou-se um projeto de intervenção denominado Projeto EBA – Encontros de Bate-papo com Adolescentes, o qual objetivou conscientizar e construir hábitos de prevenção a drogas, informar sobre DSTs e AIDS, e fortalecer as características positivas dos adolescentes participantes. Foram realizados seis encontros com 16 adolescentes nos quais foram abordados os temas: estereótipos, drogas, sexualidade e autoestima. Identificou-se escasso conhecimento sobre drogas e DSTs. A participação no EBA indicou mudanças positivas nos relacionamentos entre os adolescentes, as quais foram percebidas na interação do grupo.

Palavras-chave: Psicologia Social Comunitária; Adolescência; Prevenção; Grupo; Escola.

Community Intervention with Adolescent Group: Report of Experience Named Projeto EBA

Abstract

This article reports a curricular training experience developed by the Center of Psychological Services at Faculdades Integradas de Taquara (Faccat - Brazil). Two undergraduate students developed this project in a school localized in a vulnerable neighborhood using the Community Social Psychology approach. The intervention project, named *Projeto EBA – Encontros de Bate-Papo com Adolescentes*, has the following goals: (a) build habits that prevent the use of drugs, (b) teach about STDs and AIDS; and (c) improve positive aspects in the participants' lives. Six meetings with 16 teenagers were conducted, in which the themes developed were: stereotypes, drugs, sexuality and self-esteem. The teenagers showed almost no knowledge about drugs and STDs. The participation in EBA indicates positive changes in their relationships, which became noticeable during group interactions.

Keywords: Community Social Psychology; Adolescence; Prevention; Groups; School.

O presente trabalho apresenta um projeto desenvolvido em uma escola do Vale do Paranhana (RS) denominado Projeto EBA – Encontros de Bate-Papo com Adolescentes. O projeto foi desenvolvido como atividade de estágio vinculado as Faculdades Integra-

das de Taquara (Faccat), adotando características da Psicologia Social Comunitária (Freitas, 2006).

A partir da observação dos modelos de atuação do Psicólogo, percebe-se um distanciamento da prática clínica pautada no indivíduo, e um aumento de psicólogos preocupados com as necessidades psicossociais que afligem nosso cotidiano, ampliando o campo de atuação para a comunidade. A Psicologia Social Comunitária situa seu interesse na atividade do psiquismo decorrente do modo de vida no lugar/comunidade no qual o indivíduo está inserido (Góis, 1993). Tem como objetivo a potencialização dos recursos comunitários, atuando de forma comprometida, consciente e crítica,

¹ Endereço para correspondência: Rua Venâncio Aires, 1786, Bairro Nossa Senhora de Fátima, Taquara, RS, Brasil, CEP 95600-000. E-mail: karla@faccat.br

Relato de Experiência apresentado ao Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Taquara, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Estágio Básico II. O trabalho foi desenvolvido pelas duas primeiras autoras sob a supervisão (acadêmica e local) das demais autoras.

para alcançar a transformação do contexto segundo as necessidades e aspirações do grupo, transformando, simultaneamente, a si mesmo (Montero, 2003).

Nesta perspectiva, Campos (2002) menciona que a Psicologia Social Comunitária está voltada ao desenvolvimento de instrumentos de análise e intervenção relevantes para as problemáticas que se apresentam aos psicólogos que adotam esse olhar. Corroborando com esta ideia, o presente projeto enfatiza a perspectiva da Psicologia Social Comunitária, partindo de um levantamento das necessidades e características apresentadas pelo contexto de uma escola da região (Freitas, 2006).

Para Freitas (2006), as instituições atuam como mediadoras entre a comunidade e o profissional. A escola promove mudanças nos indivíduos e na realidade, servindo tanto para a manutenção das relações sociais injustas, quanto para transformar essas mesmas relações (Sudbrack, 2008).

Guareschi et.al. (2008) expõem que diversas escolas fomentam atividades e jogos em grupo como rodas de conversas, nas quais os alunos podem expor suas ideias sobre diferentes assuntos, incluindo violência, preconceito e exclusão. Nesta perspectiva, Sudbrack (2008) refere que, no ambiente escolar, o aluno que assume uma participação ativa nas interações da rede, progride na construção de conhecimentos compartilhados e coletivos. Para promover relações sociais educativas, portanto, é necessário favorecer tarefas que contenham pesquisas, organização de projetos comunitários e metodologias que colaborem para a discussão de diferentes pontos de vista e atividades em grupo.

Desta forma, Maldonado e Canella (2003) referem que só percebemos o que o grupo necessita quando se está disposto a escutar o que as pessoas têm a dizer. Através de aulas planejadas *a priori* diversas informações transmitidas são consideradas irrisórias, frequentemente dispensáveis para o processo de crescimento, de aprendizagem dos membros do grupo.

Tendo em vista as intervenções realizadas pela Psicologia Comunitária, Charneco (2006) aponta que o trabalho junto a bairros carentes lida com populações com diversas problemáticas associadas e diferentes culturas presentes. Sendo assim, é urgente intervir na própria comunidade, mediando conflitos e capacitando a população para a aquisição de novos hábitos de vida.

A adolescência pode ser considerada como uma fase de risco, na qual se encontram fatores que podem contribuir para a saúde (prática de esportes, boa alimentação, hábitos saudáveis, entre outros) ou para a deterioração da mesma (consumo de drogas, atos infracionais, práticas sexuais não seguras) (Câmara, Sarriera, & Carlotto, 2007). É essencial possibilitar a reflexão dessa situação com os próprios adolescentes por estarem em

pleno processo de desenvolvimento. É importante promover a expressão de sentimentos e manifestações acerca do seu dia-a-dia, seus desejos e suas expectativas.

No Brasil, há uma carência de informações sobre a prevalência de DSTs entre adolescentes e o número de casos notificados está bem abaixo das estimativas, uma vez que se percebe um aumento dos casos de DSTs entre os adolescentes. Ao mesmo tempo, há uma grande associação entre DSTs e AIDS (Taquette, Vilhena, & Paula, 2004). A epidemia da AIDS tem na população jovem uma manutenção da incidência, com uma pequena redução na última década. O levantamento do Ministério da Saúde (2008a) indica que em 1998 a incidência de casos de AIDS entre os adolescentes (13 a 19 anos) homens era de 2,4 por 100.000 habitantes e em mulheres era de 3. Já em 2007 essas taxas alteraram-se para, respectivamente, 2 e 2,8. A escolaridade não está sendo um fator protetivo, tendo em vista que na população que tem entre oito e 11 anos de escolaridade, o índice de prevalência do vírus passou de 13,9% para 24,5% (Ministério da Saúde, 2008b). Como se percebe uma manutenção de altas taxas de mortalidade nesta faixa etária, faz-se necessária a implantação de medidas que visem à prevenção primária para este público específico. Entre as problemáticas possíveis de serem verificadas nos adolescentes encontram-se: altos índices de morte por comportamento sexual de risco e consumo abusivo de álcool e drogas (Camargo & Botelho, 2007). Esses dados justificam a necessidade de um trabalho preventivo específico com o público deste projeto.

O presente projeto, portanto, foi desenvolvido com o intuito de conscientizar e possibilitar a construção de hábitos de prevenção a drogas, informar sobre DSTs e AIDS, fortalecer as características positivas dos adolescentes participantes, promovendo prevenção primária. Os encontros tiveram como intuito proporcionar espaços de trocas e diálogo entre os jovens.

Método

Participantes

Participaram do Projeto EBA – Encontros de Bate-papo com adolescentes – 16 alunos (12 meninas e 4 meninos), com idades que variaram dos 14 aos 16 anos, residentes de um bairro que possui cerca de 10.000 habitantes.

A maioria das cidades que constituem a região do Vale do Paranhana traz consigo diversas problemáticas associadas a índice de pobreza, miséria e diferenças culturais. Sendo assim, seguindo a orientação de Charneco (2006), propôs-se uma intervenção na comunidade, que lidou com a mediação de conflitos e que capacitou a população para a aquisição de novos hábitos de vida e

para uma convivência multicultural, baseada no respeito pela diferença. Diante disso, tornou-se importante, ao trabalhar neste contexto, conhecer a população que reside no local e suas culturas. A análise das necessidades da comunidade foi essencial, uma vez que revelou a presença de sintomas sociais, nos quais os diversos níveis relacionais dos indivíduos constituem-se em importantes áreas de atuação para a Psicologia.

A comunidade atendida por esse projeto é considerada de baixo nível socioeconômico e possui histórico de dificuldades relacionadas à violência escolar e urbana, drogadição, desemprego, desnutrição, problemas de moradia e saneamento básico. Neste contexto, a criminalidade (caracterizada por delitos como furtos de veículos, arrombamento de residências), o tráfico de drogas, o alcoolismo, a miséria, a prostituição, e a violência doméstica figuram como elementos da realidade social enfrentada pelos moradores (Joaquina, comunicação pessoal, 25 de agosto de 2008; Lahm, comunicação pessoal, 01 de junho de 2008). Os alunos frequentam uma escola pública localizada no bairro e suas famílias apresentam baixa escolaridade, altos níveis de desestruturação familiar e rede de apoio social fragilizada.

A definição do local de realização do projeto teve como fator decisivo o contato realizado pelo Diretor da Escola com o Centro de Serviços em Psicologia (CESEP), solicitando a realização de um projeto de intervenção no local. Esta procura apresentou-se coerente com a proposta pedagógica do Curso de Psicologia da FACCAT. Através do CESEP, esta instituição de ensino busca aproximar os acadêmicos de novas possibilidades de inserção do psicólogo estabelecendo parcerias com outros setores da comunidade. Com esta abertura da direção escolar, optou-se por realizar o projeto na Escola, uma vez que a vida sócio-cultural dos moradores do bairro se dá, principalmente, mediante estabelecimento de convívio social decorrente das atividades promovidas pelo educandário.

Procedimentos

O projeto foi planejado para atender 10 adolescentes. O convite aos alunos foi realizado nas turmas de 1º ano do Ensino Médio e 8ª série do Ensino Fundamental, nesta ordem, atendendo ao pedido do Diretor da escola. Sua justificativa em focar nesse público está na pouca probabilidade dos integrantes destas turmas serem contemplados com algum outro projeto nos poucos anos que restam até completarem o Ensino Médio.

O processo de seleção foi iniciado pelas turmas de 1º ano através de convites a toda a turma. Porém, pôde-se perceber que alguns alunos, ao serem convidados a participarem do projeto, aceitaram o convite apenas para sair da sala de aula, pois assim estavam sendo “liberados” temporariamente da aula. Devido à incerteza quanto ao comparecimento dos adolescentes à primeira reunião,

o convite foi estendido às turmas de 8ª série e, posteriormente, às turmas de 7ª série.

A idéia do projeto, surpreendendo as expectativas, gerou muito interesse por boa parte dos alunos. Ao todo, foram convidadas cinco turmas, no qual 28 alunos aceitaram o convite para participar da reunião na qual foi explicado o funcionamento do projeto e definidos os temas que seriam discutidos. Após a reunião, devido ao horário de realização dos encontros (muitos trabalhavam neste horário), 16 adolescentes afirmaram que gostariam de participar. Antes de iniciar os encontros, foi solicitado que os pais destes estudantes assinassem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual foram informados os temas e procedimentos dos encontros. Ficou combinado que os adolescentes que obtivessem frequência igual ou superior a 75% ganhariam um certificado de participação.

Nos encontros foram abordados diferentes temas relativos à Psicologia escolhidos previamente pelos adolescentes. Estes foram enfocados através de diversas intervenções diferenciadas (filmes, teatro, jogos, momentos de discussão, trocas de experiências e estratégias psicoeducativas). Através destas técnicas, buscou-se realizar a conscientização e a construção de hábitos mais saudáveis nos adolescentes, além do fortalecimento das características positivas destes jovens e a promoção e prevenção à saúde. A avaliação, se os objetivos do projeto foram atingidos, se deu através de avaliação individual pelos próprios adolescentes, parecer pela direção e corpo docente da escola e observação do comportamento do grupo durante os encontros. Aos alunos foi solicitado o preenchimento de uma ficha de avaliação do processo. O grupo de participantes do EBA solicitou que fosse feito um registro em vídeo onde relataram as alterações em suas atitudes com relação aos colegas. Esse vídeo foi apresentado à supervisão do estágio como solicitação de nova edição do projeto com outros alunos.

Projeto EBA – Encontros de Bate-Papo com Adolescentes

O Projeto EBA consistiu em um grupo preventivo, utilizando a orientação antecipatória, isto é, propondo uma relação produtiva dos adolescentes com o meio no qual vivem, através do reconhecimento de suas capacidades, aconselhamento e apoio (Maldonado & Canella, 2003). Fomentou-se o desenvolvimento saudável dirigido à promoção de saúde, auxiliando os adolescentes para que possam enfrentar melhor esta etapa do desenvolvimento, possibilitando um progresso no enfrentamento das tarefas típicas das mais diversas situações de vida (Blank, 2003).

A adolescência é a fase das grandes transformações biopsicossociais, sendo a responsável pelo salto no

processo de desenvolvimento e período das realizações fundamentais ao qual Justo (2005) refere como “acabamento final do sujeito”. É uma fase de passagem, pois o adolescente muda seu círculo social restrito a família e passa a um universo amplo que é o mundo todo. A chegada neste mundo compreende a autonomia, independência (social, jurídica e econômica) e a chegada a um mundo adulto e sua sociedade dilatada.

Assim, o Projeto EBA consistiu na formação de um grupo com adolescentes, inicialmente para promover quatro encontros de discussão (bate-papo) através da educação e promoção da saúde. Cada encontro abordou assuntos definidos pelos próprios participantes. Os temas abordados foram escolhidos mediante votação dos participantes, sendo eles: estereótipos (os termos usados pelos adolescentes foram grupos, diferenças, estilo de roupas e músicas), drogas, sexualidade e autoestima.

A partir da definição dos temas a serem abordados em cada encontro, uma série de atividades foi planejada com o intuito de trabalhar cada tema de forma diferenciada. As técnicas utilizadas foram: exibição de filmes, elaboração de teatros, dinâmicas de grupo, estratégias psicoeducativas, entre outros. Tais atividades sempre acompanharam um momento de discussão e reflexão sobre o tema.

No decorrer do projeto, percebeu-se a necessidade de aumentar o número de encontros, pois, sentiu-se que determinados assuntos deveriam ser mais aprofundados. Ao contrário do que se imaginava, alguns tópicos não eram de conhecimento dos adolescentes. Além disso, foi solicitado pelo próprio grupo que o número de encontros fosse ampliado. Para isso, foi elaborado pelos adolescentes um vídeo com depoimentos sobre o projeto e um abaixo assinado, destinado às supervisoras do estágio. Neste vídeo, entre outros comentários, foi dito que os temas discutidos no grupo não são mencionados em sala de aula e que o projeto tem grande importância para todos, pois ao invés de ficarem na rua ou em casa sem ocupação, estão aprendendo e se conhecendo melhor.

Por fim, o trabalho desenvolvido ocorreu de acordo com a Tabela 1.

Tabela 1
Organização dos Encontros

Número do Encontro	Assunto	Recursos utilizados
1	Esterótipos	Filme, discussão
2	Drogas	Jogo, vídeos e discussão
3	Sexualidade	Jogo e discussão
4	Sexualidade	Jogo e discussão
5	Drogas	Teatro, vídeos e discussão
6	Autoestima	Jogo e discussão

Além dos encontros, foi proposto que os integrantes do grupo mantivessem um registro diário das suas atividades, sentimentos ou pensamentos no decorrer de todo o projeto. Tais registros ocorreram em blocos personalizados (denominados “*blogs*”), confeccionados pelas estagiárias. Os “*blogs*” ficaram com os adolescentes até o último encontro, quando então, foram entregues para as estagiárias. Após, foram feitas cópias para fins de pesquisa e devolvidos a eles. Os conteúdos apresentados nos *blogs* não serão discutidos neste artigo em função do enfoque que está sendo dado neste relato de experiência.

Os Encontros

O Projeto EBA promoveu seis encontros, com duração aproximada de duas horas e meia, cada um. O objetivo do grupo de prevenção do Projeto EBA foi possibilitar a reflexão sobre a situação na qual se encontram esses adolescentes, sujeitos em processo de desenvolvimento. Visava à expressão de sentimentos, manifestações acerca do seu dia-a-dia, seus desejos, seus relacionamentos, expectativas, frustrações, entre outros.

Sob a coordenação das duas estagiárias, a rotina de atividades do grupo foi baseada na programação de três momentos distintos: a abordagem do tema escolhido (através de alguma técnica interventiva previamente determinada); a discussão sobre o tema; e por fim, a avaliação da reunião e combinações para o próximo encontro. Segue a apresentação de cada encontro.

Estereótipos

No primeiro encontro foi utilizada como técnica interventiva para introduzir o assunto, a exibição de trechos do filme “*Meninas malvadas*” (Waters, 2004). Este filme foi escolhido por abordar temas como estereótipos, estilos e grupos, todos retratados pelas vivências de adolescentes. Após isso, um círculo foi formado pelo grupo para que o tema fosse discutido. Durante este momento, as seguintes perguntas foram feitas pelas estagiárias ao grupo: “O que mais chamou a atenção no filme? Em que aspecto o filme se parece com o que vocês vivem e quais os trechos do filme são semelhantes às suas realidades e quais não são?”.

Diversos integrantes do grupo mencionaram que apesar do filme intensificar alguns aspectos, deixando-os exagerados, tudo o que foi abordado ocorre no cotidiano de todos eles, em maior ou menor intensidade. Outro ponto mencionado pelos adolescentes foi a pressão gerada por qualquer tipo de grupo, pois, segundo eles, esta gera muita influência, principalmente na adolescência. Diversos integrantes, então, relataram uma série de exemplos sobre o assunto, os quais haviam ocorrido com eles ou seus amigos. Entre os exemplos men-

cionados esteve o de um integrante, o qual relatou que pertencia a um grupo de amigos usuários de drogas e estes insistiam para que ele também usasse. Contou que após notar que além deles estarem lhe influenciando nisso, estavam lhe prejudicando em diversas áreas da sua vida, então preferiu afastar-se antes de ceder à pressão dos amigos. O grupo também ressaltou que independente de ser “boa ou má”, algum grau de influência sempre vai existir num grupo, pois segundo eles, caso contrário, as pessoas não precisariam pertencer a algum grupo.

Neste encontro também foram abordados os conceitos relativos à primeira impressão, pré-conceito e personalidade, todos intercalados por momentos de discussão entre o grupo. Os integrantes finalizaram comentando que as diferenças são, sim, essenciais no nosso convívio, pois permitem que novas ideias sejam construídas, concluindo que se todos pensassem da mesma forma, jamais seria possível qualquer tipo de progresso, em qualquer área ou situação.

Drogas

Devido ao fato do Projeto EBA ter sido realizado em um bairro com altos índices de uso e tráfico de drogas, a atividade proposta para este encontro foi pensada com o intuito principal de amenizar a banalização da maconha. Pensou-se em abordar tal droga, pois, devido ao contexto de fácil acesso e convívio dos moradores do bairro, incluindo os adolescentes integrantes do grupo, com usuários e fornecedores de crack e outras drogas mais pesadas, a maconha não deveria ser considerada uma droga que causa muitos danos. Além disso, pensou-se na importância de trazer dados atuais sobre os malefícios causados pela maconha, uma vez que esta substância está presente no cotidiano dos alunos e estes, muitas vezes, não têm acesso a tais informações, devido à ênfase que é dada para drogas consideradas mais graves.

Partindo disso, foi elaborado um jogo que iniciou com o grupo mencionando todas as drogas que já haviam ouvido falar. Todas as drogas citadas foram escritas pelas estagiárias em um quadro. O grupo citou praticamente todas as drogas mais conhecidas, lícitas e ilícitas, exceto solvente e cola, o que gerou certa surpresa nas estagiárias, devido ao contexto em que estes jovens estão inseridos. Após isso, o grupo foi dividido em quatro subgrupos que, após um sorteio, deram início à atividade. Esta consistia em um saquinho contendo diversos cartões, nos quais haviam frases sobre os danos causados por “X”. A tarefa de cada grupo era substituir a letra “X” pela droga que achavam estar mais adequada com tal informação. Entretanto, todos os cartões mencionavam apenas danos causados pela maconha, sem que o grupo soubesse disso.

Ao término do jogo, após 28 questões terem sido respondidas, apenas quatro foram atribuídas à maconha, ao passo que a soma dos danos atribuídos ao crack, ecstasy e LSD, foi de 15. Observou-se que os cartões que continham frases sobre danos mais graves, foram atribuídos a estas três drogas mencionadas, uma vez que o grupo as considerava as mais danosas. É importante ressaltar que o grupo não tinha conhecimento sobre as drogas ecstasy e LSD, apenas haviam ouvido mencioná-las. Sendo assim, tinham a representação de que ambas gerassem danos aproximados ao crack.

Após a revelação de que todos os cartões continham apenas danos causados pela maconha, o grupo ficou surpreso, sendo unânime a opinião de que esta era a droga ilícita mais leve, sendo assim, jamais imaginavam que causasse grandes malefícios. Outro ponto relevante foi o de grupo também ter a opinião unânime de que a droga que gera mais danos é o crack, sendo que esta foi a mais citada no jogo. Devido a isso, pode-se concluir que o grupo considerou os danos da maconha tão graves que os atribuiu, na maioria, ao crack. Isso denotou a carência de informações sobre o assunto e percebeu-se a necessidade de realizar mais um encontro abordando o tema, pois, ao contrário do que foi pensado, o grupo praticamente não possuía conhecimento sobre drogas, muito menos sobre os efeitos gerados por cada tipo específico.

Após o jogo foram passados três vídeos: um sobre as consequências de usar drogas na adolescência, abordando principalmente drogas lícitas, como o álcool; outro abordando os tipos de drogas e as consequências geradas por cada uma, de forma resumida; por fim, um vídeo contendo as imagens de diversos usuários de drogas ao longo do tempo, enfatizando as transformações físicas. Além disso, as estagiárias deram explicações sobre as diferenças entre drogas lícitas e ilícitas, psicoativas ou não, dependência física e psicológica, entre outras informações solicitadas pelos participantes.

Depois disso, realizou-se o momento de discussão sobre o tema, em que diversos integrantes relataram casos de familiares ou amigos usuários de drogas e as consequências geradas por isso. Por fim, o grupo solicitou que mais um encontro fosse destinado a abordar este tema, pois possuíam muitas dúvidas que gostariam de esclarecer.

Portanto, foi realizado um segundo encontro abordando o tema drogas. Neste, foi solicitado ao grupo que se dividissem em dois grupos para organizar uma breve encenação sobre o que haviam discutido sobre o assunto até o momento.

Após vinte minutos de organização e ensaio, cada grupo apresentou sua “peça” para as estagiárias e os integrantes do outro grupo. O aspecto mais interessante foi o de que ambos os grupos, sem receber qualquer ins-

trução, abordaram, principalmente, o drama das mães que sofrem ao ter um filho dependente químico. Um grupo encenou a morte de um dependente de drogas que começou a usá-las por influência do grupo de amigos. O outro grupo abordou a morte da mãe de uma dependente de drogas, a qual era muito doente e não resistiu a este envolvimento da filha.

Após a apresentação dos grupos foram passados três vídeos sobre drogas. O primeiro sobre um acidente de trânsito que deixou desfigurada uma universitária de 23 anos, vítima de um motorista alcoolizado. Alguns integrantes do grupo ressaltaram ser muito comum achar que situações como esta nunca irão acontecer conosco. Enfatizaram que além de cada um ser totalmente responsável pelos seus próprios atos, torna-se imprescindível tomar alguns cuidados para não ser vítima de atos inconsequentes de outras pessoas. O outro vídeo mostrou o caso de uma adulta jovem que, após uma overdose, foi encontrada morta em seu quarto, pelos pais. O grupo, então, retomou o tema abordado nas encenações, no que diz respeito ao drama que envolve as famílias sempre que alguém é usuário de drogas. Em decorrência disso, diversos integrantes deram exemplos de histórias sobre familiares que são dependentes químicos. Por fim, foi exibido um vídeo sobre tabagismo, contendo diversas informações sobre o assunto, incluindo fotos e dados estatísticos.

Em relação a este último vídeo, quase todos os integrantes do grupo comentaram algo a respeito. Acredita-se que isso se deve ao fato de que o tabagismo está ainda mais presente em suas vidas do que as drogas ilícitas, apesar destas terem mostrado-se muito próximas à realidade de suas famílias, através dos exemplos dados. Para finalizar o encontro, foi distribuída a cada um dos integrantes uma tabela, formulada pelas coordenadoras, contendo os principais tipos de drogas existentes (álcool, inalantes ou solventes, ópio, cocaína, crack, merla, tabaco, maconha, haxixe, LSD, ecstasy e anfetaminas), a origem da substância e suas consequências.

Sexualidade

Ao ser formulado o encontro sobre sexualidade, pensou-se em utilizar uma técnica interventiva que garantisse a participação de todos os adolescentes do grupo. Devido ao tema, foi cogitada a hipótese de que alguns integrantes poderiam ficar constrangidos ou tímidos em formular questões e dar suas opiniões perante o grande grupo, caso o tema fosse colocado em discussão aberta. Portanto, foi desenvolvido um jogo de perguntas e respostas, no qual, foi solicitado que cada integrante escrevesse em cartões três dúvidas sobre sexualidade. Cada cartão foi colocado dentro de um balão e este foi cheio. Para evitar a identificação das dúvidas, e dos participantes, através da cor do balão, todos possuíam cor única.

Logo após, deu-se início ao jogo, com a formação de quatro equipes (subgrupos). Após um sorteio para definir a ordem, uma equipe por vez estourava um balão e um dos integrantes lia a questão para o grande grupo. Em seguida, a equipe tentava chegar a uma resposta, a qual era falada novamente para o grande grupo. Quem decidia se a resposta estava completa era a equipe que vinha a seguir. Se esta equipe julgasse que a resposta da outra equipe estava completa, esta última andava três casas no tabuleiro formulado pelas estagiárias; caso a equipe decidisse que a resposta estava incompleta, a outra equipe andava apenas uma casa. Porém, a equipe julgadora precisava completar a resposta e, se tivesse êxito, andavam três casas. Também foi dada a chance de qualquer equipe participar para completar melhor a resposta, em qualquer momento do jogo, podendo vir a andar uma casa, caso esta estivesse correta.

O jogo ocorreu conforme o planejado, com todos os integrantes participando e trocando idéias entre o seu grupo e o grande grupo. As perguntas enfocaram principalmente: prevenção e transmissão de doenças, a primeira relação sexual e os aspectos emocionais envolvidos nela e, por fim, dúvidas sobre conceitos básicos envolvendo o tema. Este último aspecto merece destaque, pois, algumas perguntas surpreenderam. O conteúdo denotou a carência de informações nestes jovens, evidenciando a necessidade de informações básicas sobre sexualidade. Por exemplo: um grupo de meninas chamou uma das estagiárias para auxiliar na resposta que dariam ao grande grupo. O foco da discussão estava em uma das integrantes afirmar que, em uma relação homossexual masculina, é possível a transmissão de doenças (embora ela não soubesse explicar como isso ocorria), porém, as demais integrantes do grupo afirmavam o contrário, pois “um homem não tem como passar nada pra outro homem, é impossível”. A coordenadora, então, explicou como a transmissão poderia ocorrer, além de falar sobre os cuidados que devem ser tomados ao praticar sexo oral e anal. Entretanto, quando o grupo foi responder a pergunta para os demais colegas, acabou incluindo na resposta as formas de contágio que pode haver numa relação homossexual feminina, sem ter conhecimento sobre isso e, desta forma, falou aos colegas que “é possível o contágio – homossexual feminino – por sexo anal.”

A partir daí, as estagiárias perceberam a necessidade de esclarecer alguns conceitos mais específicos antes de dar continuidade ao jogo. A estratégia adotada foi a de pedir ao grupo que os integrantes que tivessem mais conhecimento sobre o assunto pudessem colaborar, explicando tais conceitos aos demais. Desta forma, as estagiárias apenas orientaram as explicações, as quais ficaram a cargo dos adolescentes.

Outro ponto que chamou muito a atenção foi em relação a outro grupo de meninas que apresentou di-

ficuldades para ler a sigla DST. A pergunta era a seguinte: “O que são DSTs e como elas são transmitidas?”. O grupo não soube explicar, o que revelou ser um fato significativo, pois no decorrer do jogo, baseado em seus comentários, ficou claro que a integrante que não havia conseguido ler a frase tem vida sexual ativa.

Por outro lado, em relação aos aspectos psicológicos e, principalmente emocionais, o grupo, de forma geral, mostrou-se muito maduro e adequado em suas respostas. Além disso, os momentos que envolviam perguntas relacionadas a este tema foram os que geraram maior troca de opiniões. Todos os participantes tinham algo a complementar nas respostas dos demais. Isso possibilitou uma grande troca de percepções e experiências por parte dos adolescentes, evidenciando o quanto o grupo já se mostrava coeso neste momento, tratando as questões com muita seriedade. Destacou-se o fato de que em raras ocasiões, apenas no início da atividade, alguns integrantes mostraram-se envergonhados ou tímidos para responder as questões.

Como inúmeros balões de perguntas haviam restado no término do encontro e, principalmente, pelo fato das estagiárias terem percebido a grande necessidade de dar continuidade à discussão deste tema, ocorreu um segundo encontro sobre sexualidade. O modelo interventivo manteve-se o mesmo do primeiro encontro, tendo a continuação do jogo como técnica utilizada. Porém, vários aspectos do primeiro encontro foram retomados, devido ao grande número de perguntas que, ao contrário do que se imaginou antes da intervenção, principalmente devido ao contexto em que estes jovens estão inseridos, possuíam um conteúdo que exigia orientações sexuais básicas.

Para facilitar o acesso a informações, as estagiárias elaboraram uma tabela explicativa, que foi distribuída a cada um dos participantes, contendo explicações sobre as principais doenças sexualmente transmissíveis (gonorréia, HPV, herpes genital, candidíase, hepatite B, AIDS), forma de contágio, principais sinais nos garotos e nas garotas, métodos contraceptivos e prevenção. Além disso, para enfatizar a prevenção a DSTs, preservativos que são fornecidos pelo posto de saúde do bairro foram distribuídos ao grupo pelas estagiárias. Foram, ainda, retomadas as informações sobre os métodos contraceptivos e a importância de uma consulta médica para melhor orientação.

Autoestima

Para abordar este tema, foi utilizada uma técnica de grupo, na qual solicitou-se (individualmente) que cada integrante do grupo realizasse a mímica de duas características positivas suas: uma concreta e outra abstrata. A intenção era mostrar ao grupo o quanto é mais fácil percebermos uma característica visível aos outros do que outra subjetiva. O objetivo era fazer uma ligação dessa

atividade com o conceito de autoestima, ou seja, o aspecto dessa ser uma experiência íntima e uma avaliação ou sentimento que a pessoa tem de si mesma.

Como previsto, as mímicas das características concretas escolhidas pelos adolescentes logo foram adivinhadas, sendo que a maioria escolheu aspectos físicos como olhos e cabelos. Por outro lado, mesmo sem ter conhecimento sobre as mímicas que os demais integrantes iriam realizar, quase todos escolheram fazer a mímica de sua característica abstrata sobre “o meu jeito alegre”. Devido a isso, tal mímica tornou-se muito fácil de adivinhar, impossibilitando o paralelo que faríamos entre a dificuldade de perceber um conceito subjetivo de outro concreto e visível. Apesar disso, após o término da atividade, os próprios adolescentes deram-se conta da diferença entre os dois tipos de conceitos, relatando que o primeiro (concreto) havia sido muito mais fácil de escolher e encenar.

Outro aspecto que chamou a atenção foi a dificuldade de que alguns integrantes demonstraram, no momento em que as instruções foram dadas individualmente, para escolher alguma característica positiva sua. Alguns comentaram que não teriam como escolher uma característica que considerasse positiva, por não possuir nenhuma. Isso demonstra o quanto o assunto autoestima precisa ser trabalhado e estimulado entre o grupo. Além disso, torna mais compreensível o fato deste ter sido o assunto mais votado durante a definição dos temas que seriam abordados. A autoestima foi mais mencionada, até mesmo, do que a sexualidade, o que vai de encontro ao que se imaginava, pois como a sexualidade tem sido assunto frequente nos meios de comunicação, como jornais, revistas e televisão, acreditou-se que despertaria um maior interesse dos jovens pelo assunto, além de já ser naturalmente um tema de interesse comum entre adolescentes.

Após ter iniciado o momento de discussão, as estagiárias intercalaram a fala dos participantes com momentos explicativos a respeito do conceito de autoestima, além da importância de desenvolver-se uma boa autoestima, e as implicações desta em diversas áreas de nossas vidas. Alguns integrantes relataram não ter conhecimento sobre o assunto, pois imaginavam que este se referia a uma “autoestima” (SIC), no sentido de que esta fazia referência a uma estima elevada e, não, um autoconceito.

Considerações Finais

Ao conhecer a população local, as suas problemáticas e peculiaridades, a idéia inicial do Projeto EBA era de contribuir para fortalecer e melhorar estratégias de enfrentamento dos participantes do projeto. Diante disso, acreditou-se que seria muito interessante e pro-

veitoso trabalhar com os adolescentes, uma vez que estes se encontram em meio a um processo de desenvolvimento intenso.

Entre os objetivos dos encontros proporcionados pelo Projeto EBA estava o de criar um espaço em que os adolescentes pudessem expressar suas opiniões, imaginar seu papel na comunidade e na cidade em que vivem, compartilhando pensamentos e sentimentos com jovens marcados por experiências culturais semelhantes. Após o término do projeto, observou-se que a experiência possibilitou a reflexão destes adolescentes sobre a situação pela qual se encontram, permitindo a expressão de sentimentos, manifestações acerca do seu dia-a-dia, dos seus desejos, de suas expectativas e frustrações, assim como, suas dúvidas e anseios acerca da temática relacionamento.

Acredita-se que, através do espaço de reflexão proporcionado pelo Projeto EBA, os objetivos de promover ações de cunho preventivo, mediação de conflitos, capacitação dos adolescentes para a aquisição de hábitos mais saudáveis de vida tenham sido atingidos. Verificou-se o fortalecimento destes jovens, enquanto indivíduos e, principalmente, enquanto um grupo capaz de gerar ações transformadoras, atentando para uma convivência multicultural baseada no respeito pela diferença.

Durante a realização dos encontros do Projeto EBA, confirmou-se que este público não vem recebendo a devida atenção. Isso ficou bastante presente durante os encontros que abordaram os temas drogas e sexualidade, os quais evidenciaram a grande carência de informações por parte dos adolescentes. Este dado é muito preocupante, uma vez que estes jovens não deixam de experienciar momentos típicos da adolescência por não possuírem informação, mas sim, continuarão tendo tais experiências e, infelizmente, de forma despreparada e inadequada, o que se torna um grande risco.

Os encontros possibilitaram que os adolescentes perguntassem e debatesses sobre os mais variados assuntos, acredita-se, por ter sido conquistado um espaço de confiança entre adolescentes e estagiárias. Em decorrência disso, pode-se afirmar que a experiência vivenciada durante a realização do projeto fez com que as estagiárias tivessem a oportunidade de experimentar um pouco das vivências do psicólogo social comunitário.

Cabe ressaltar um aspecto que foi observado durante todos os encontros: o interesse demonstrado por estes jovens. Durante toda a execução do Projeto EBA o grupo mostrou-se engajado e participativo e, a maior evidência disso foi o fato do projeto ter se estendido por mais dois encontros. Vale, novamente, ressaltar que tal mudança no planejamento inicial se deu por iniciativa dos adolescentes e, é claro, devido às necessidades iden-

tificadas pelas estagiárias do projeto. Porém, a elaboração do vídeo e do abaixo assinado denotou o quanto este público é aberto a projetos que criem espaços para que suas opiniões e questionamentos sejam ouvidos e discutidos.

Acredita-se que iniciativas como o Projeto EBA contribuem para o desenvolvimento social e cidadania dos participantes, que, ao invés de estarem sem ocupação, demonstraram comprometimento com os encontros. Para estes, que estão vulneráveis aos mais diversos riscos durante o processo de construção de identidade, tornou-se essencial o diálogo para esclarecer dúvidas pertinentes a essa etapa do desenvolvimento. Segundo os próprios adolescentes, existe uma vergonha partilhada de falar sobre temas como drogas e sexualidade especialmente com os pais e professores.

Após a execução do projeto ficou ainda mais evidente a importância deste tipo de intervenção na comunidade, principalmente no que diz respeito ao público adolescente. Mostrou-se indispensável a elaboração de estratégias que visem a promoção de prevenção primária, uma vez que o público atingido pelo Projeto EBA encontra-se num momento de grandes desafios e frente a uma série de mudanças biopsicossociais. Além disso, mostrou-se indiscutível o fato de que adolescentes, vivendo um período de grande transição e definição da identidade, necessitam de programas que visem à abordagem de temas que atendam as suas necessidades específicas.

Por fim, é preciso mencionar outro aspecto que foi de fundamental importância para que o projeto obtivesse êxito: a escola ter contribuído positivamente para a promoção dos encontros, dando suporte, ajudando e auxiliando sempre que solicitada, desenvolvendo com plenitude seu papel. Conclui-se, então, que o trabalho realizado foi de suma importância, uma vez que o psicólogo baseia sua atuação na transformação do contexto, através do trabalho com as necessidades do local, transformando a comunidade e a si próprio. Devido a isso, a experiência, de fato, foi profundamente transformadora, pois ficou a certeza de que muito foi transmitido e ensinado, mas, principalmente, aprendido.

Referências

- Blank, D. (2003). A puericultura hoje: Um enfoque apoiado em evidências. *Jornal de Pediatria*, 79(Supl. 2), S13-S22.
- Câmara, S. G., Sarriera, J. C., & Carlotto, M. S. (2007). Predictores de conductas sexuales de riesgo entre adolescentes. *Revista Interamericana de Psicología*, 41(2), 161-166.
- Camargo, B. V., & Botelho, L. J. (2007). Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. *Revista de Saúde Pública*, 41(1), 61-68.
- Campos, R. H. F. (Ed.). (2002). *Psicologia social comunitária: Da solidariedade à autonomia* (6. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

- Charneco, A. M. (2006, mar.). *Intervir... com a comunidade* (Relatório de Estágio de Pós-Graduação em Mediação Intercultural aplicada ao Serviço Social). Algarve, Portugal: Câmara Municipal de Lagoa. Retrieved September 06, 2008, from http://www.multiculturas.com/textos/intervir_com_a_comunidade_Marta-Charneco.pdf
- Freitas, M. F. Q. (2006). Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária: Práticas da psicologia em comunidade nas décadas de 60 a 90, no Brasil. In R. H. F. Campos (Ed.), *Psicologia social comunitária: Da solidariedade à autonomia* (6. ed., pp. 54-80). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Góis, C. W. L. (1993). *Noções de psicologia comunitária*. Fortaleza, CE: Editora da Universidade Federal do Ceará.
- Guareschi, P. A., Silva, M. R., Armani, A., Rosa, C. T., Boucinha, D., Azevedo, F., et al. (2008). *Bullying mais sério do que se imagina*. Porto Alegre, RS: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Justo, J. S. (2005). O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, 17(1), 61-77.
- Maldonado, M. T., & Canella, P. (2003). *Recursos de relacionamento para profissionais de saúde: A boa comunicação com clientes e seus familiares em consultórios, ambulatórios e hospitais*. Rio de Janeiro, RJ: Reichmann & Affonso.
- Ministério da Saúde. (2008a). (Ed.). *Boletim Epidemiológico – AIDS/DST*, 5(1).
- Ministério da Saúde. (2008b). *O retrato da AIDS*. Retrieved November 28, 2008, from <http://www.aids.gov.br/data/Pages/LUMISE77B47C8ITEMID33C14607008E41DB9E2DA7B9C2E80F50PTBRIE.htm>
- Montero, M. (2003). *Teoría y práctica de la psicología comunitaria*. Buenos Aires, Argentina: Paidós.
- Sudbrack, M. F. O. (Ed.). (2008). *Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas* (2. ed.). Brasília, DF: Ministério da Educação.
- Taquette, S. R., Vilhena, M. M., & Paula, M. C. (2004). Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: Estudo de fatores de risco. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, 37(3), 210-214.
- Waters, M. S. (Producer). (2004). *Meninas malvadas* [Mean girls] [Motion picture]. New York: Paramount Pictures.

Received 03/04/2009
Accepted 13/05/2009

Karla Rafaela Haack. Graduanda do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Taquara, Brasil.

Roberta Salvador Silva. Graduanda do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Taquara, Brasil.

Laíssa Eschiletti Prati. Professora das Faculdades Integradas de Taquara, Brasil. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Mariana Gonçalves Boeckel. Coordenadora do Centro de Serviços em Psicologia, Taquara. Brasil. Professora das Faculdades Integradas de Taquara, Brasil. Doutoranda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.